

Traduções e traições: a Língua Portuguesa como espaço do conflito em Mia Couto

Profa. Dra. Maria Perla Araújo Morais (UFT)

Resumo:

Em Venenos de Deus, remédios do Diabo, Mia Couto explora a temática do conflito de culturas a partir da problematização do uso da Língua Portuguesa. Na história, o português Sidónio Rosa viaja para Vila Cacimba, uma região imaginária de Moçambique, para saber o paradeiro de Deolinda, mulher por quem se apaixonara em Portugal. Nessa Vila, depara-se com histórias diversas, com um cenário vacilante, onde tudo pode ser ou não, dependendo de quem está com a palavra. A Vila é puro nevoeiro verbal. Nesse romance, a Língua Portuguesa, ao invés de tranquilizar, ser um remédio para dar sentido às situações, está envenenada e marca variados desencontros. As histórias de Vila Cacimba, as próprias memórias moçambicanas, mediadas no romance por um uso singular da língua, aparecem como fronteiras líquidas, porque em permanente construção.

Palavras-chave: Moçambique; Língua; Memória; Mia Couto

1 Introdução

Os Lusíadas apoia-se em um feito histórico, a viagem de Vasco da Gama às Índias, para contar a saga vitoriosa dos portugueses ao longo dos séculos. Esse plano histórico, contudo, é aclimatado pelo maravilhoso, por uma questão do gênero épico. No esquema dos deuses, é fácil notarmos os antagonistas dos lusitanos. Apresentam-se, sobretudo, capitaneados pela figura de Baco que alicia, mente, instrui erroneamente outros homens ou até outros deuses para que as naus de Gama não consigam seu propósito. Baco revela-se temeroso em relação à chegada dos portugueses e, portanto, do catolicismo às Índias, lugar onde era venerado. Ao longo de *Os Lusíadas*, Baco aparece como um deus teimoso e ensandecido, capaz das mais astutas artimanhas para impedir que a navegação chegue ao seu destino final.

No canto I, Baco argumenta contra a navegação no Concílio dos Deuses. Embora seja dada como certa a conquista dos portugueses, sob o aval de Vênus, Marte e do próprio Júpiter, Baco insiste em querer remediar a situação. Só para se der uma ideia, em território africano, transforma-se em um Catual para inspirar aos mouros a destruição dos portugueses e, no canto II, finge ser um sacerdote cristão e planta falsas informações para Gama. Também incita outros deuses a participar do seu propósito e, no canto VI, mergulha no reino das águas para pedir auxílio de Netuno. Por fim, já em Calicute, no canto VIII, Baco entra no sonho de um devoto sacerdote para inspirar desconfianças do Samorim em relação aos portugueses.

Baco é seu nome romano; em grego teríamos Dionísio ou Dioniso. A literatura moçambicana contemporânea retoma o tema das viagens portuguesas e a própria figura de Baco, de modo diverso aos do século XV e XVI. No romance de Mia Couto *Venenos de Deus, remédios do Diabo*: as incuráveis vidas de Vila Cacimba, observamos a história de

um português, Sidónio Rosa, suposto médico, que resolve viajar para uma imaginária região da África, Vila Cacimba, a fim de encontrar Deolinda, por quem se apaixonara em Lisboa. Chegando lá, o Administrador da Vila, Alfredo Suacelência, lhe outorga a função de médico do posto local, já que na vila havia um surto de uma doença que deixava os “homens enlouquecidos”. O português mantém uma relação muito próxima com os pais de Deolinda, Dona Munda e Bartolomeu Sozinho, porque este último encontra-se doente. O casal diz receber cartas da filha, Deolinda, que, segundo eles, estava fora, fazendo um curso.

A narrativa é construída de modo a deslocar as imagens do passado, ressignificando-as à luz do presente pós-colonial. O próprio Dioniso vem espelhado no anagrama Sidónio, mas, no presente, o propósito da viagem seria o amor, e o deus, agora humanizado, não faz delirar, mas ele próprio é vítima do delírio. O surgimento dos estudos pós-coloniais delinearam essa outra maneira de ler e escrever a literatura dos países africanos: sempre descentrando as relações de poder. (MAFALDA, 2012, p. 309)

Essa releitura do passado é intermediada por várias estratégias literárias, dentre elas o uso singular do código linguístico, a Língua Portuguesa, vista como um remédio e um veneno no espaço moçambicano.

2- O remédio e veneno da Língua Portuguesa

No romance, é no espaço da língua que localizamos o encontro de culturas de outrora. As culturas são mediadas pela língua, a qual tem que se reinventar, se transculturar para dar conta de mundos diversos. Dessa forma, embora utilizando a mesma língua portuguesa, “a textualidade é culturalmente outra, translinguística e transcultural; por isso, ouvir, ler, ao mesmo tempo que é traduzir, é também recriar, o que nos obriga à deslocação do lugar do mesmo, movendo-nos para o espaço do(s) outro(s)” (LEITE, 2012, p.188) O material linguístico, quando se apropria de uma cultura diversa, aponta sempre para uma outra tessitura.

Portanto, a discussão linguística metaforiza no romance o encontro entre portugueses e moçambicanos. De acordo com Kwame Appiah, essa situação de fronteiras linguísticas é de muita importância na vida cultural dos intelectuais africanos:

(...) a preocupação com as relações dos mundos conceituais “tradicional” e “moderno”, com a integração dos modos de compreensão herdados e os oriundos das teorias, conceitos e crenças recém-adquiridos, está fadada a ser de especial importância na vida daqueles dentre nós que pensam e escrevem sobre o futuro da África em termos basicamente tomados de empréstimo de outros lugares. (APPIAH, 1997, p.21)

Appiah fala-nos do modo como são incorporadas as “verdades” que aparecem conjuntamente com a língua. Para o intelectual anglo-ganês, no território africano cujos países adotaram o inglês, o francês ou o português como língua de unidade nacional, resta uma questão: “(...) administrar as relações entre nossa herança conceitual e as ideias que correm a nosso encontro, vindas de outros mundos.” (APPIAH, 1997, p.21) Em Mia Couto, a Língua Portuguesa, utilizada como uma ponte entre mundos diversos, torna-se expressão local. É possuída por um sistema de pensamento fornecedor de conhecimento e saberes, a oralidade, característica dominante nas culturas africanas. Assim, a Língua Portuguesa,

como posse, adaptação e recriação, mostra toda a sua riqueza e sua fragilidade frente à realidade que se quer nomear e conhecer.

O uso singular da língua fica evidente no título, por exemplo. O romance desorganiza os códigos culturais eurocêntricos, quando associa o veneno a Deus e o remédio ao Diabo. Duplamente escrito e silenciado, o título do livro rearranja os pares antitéticos, singularizando-os e desautomatizando-os. Operação que põe em evidência a rasura do dado, do previsível para, por meio disso, significar. Aqui, no romance, a rasura equivale a um rearranjo de lógicas binárias e reducionistas da alteridade. Bhabha, analisando o discurso pós-colonial, nos explica: “O que emerge (...) é a linguagem de um nonsense colonial que desloca aquelas dualidades em que o espaço colonial é tradicionalmente dividido: natureza/cultura, caos/civilidade.” (BHABHA, 1998, p.179)

Textualmente, no romance de Mia Couto, a rasura de Deus e do Diabo reproduz o mesmo nevoeiro no qual os moradores de Vila Cacimba estão mergulhados. O nevoeiro que recepciona o português Sidónio em Vila Cacimba e que assiste a sua partida também poderia alegorizar o estado de incertezas em Moçambique, o estado de quem vê, mas pouco entende. É, portanto, um nevoeiro textual.

O que observamos a todo momento na narrativa são procedimentos, estratégias literárias ganhando corpo e voz no romance. Não são apenas temas, mas elementos estruturantes da narrativa.

3 O nevoeiro textual que é Vila Cacimba

A história visível do romance pode ser resumida, como o fizemos no início. Ela funciona como um remédio para curar a preocupação de Sidónio, um remédio para curar a vida dos Sozinhos (que ficam imaginando esse enredo com a filha Deolinda) e, por fim, ela é oferecida como uma solução para nós, leitores, que queremos uma narrativa linear e às claras. Todos, nesse momento, agiríamos como Sidónio na Vila, porque, como esse personagem, estaríamos procurando nos tranquilizar ao administrar em nós mesmos o remédio da história visível:

- Então, o nosso Bartolomeu está bom?
- Está bom para seguir deitado, de vela e missal...
(...) O médico acredita não ter entendido. Ele é português, recém-chegado a África. Refaz a questão. (COUTO, 2008, p.9)

Entretanto, os tempos se refratam na história, e Sidónio, assim como todos, somos atravessados por vários tempos, formando um enredo difícil de ser visto como remédio. O conflito instaurado na transformação do remédio em veneno ganha corpo na linguagem e, no exemplo acima, acredita-se que possa ser remediado. É só refazer a questão. Portanto é só um problema de má-escolha de palavras, de má-tradução. Mas, recorrente que é, esse conflito vai, aos poucos, mostrando que ali nem tudo o que se ouve ou se fala gera comunicação e entendimento, em detrimento à tranquilização a que o português aspira.

Mia Couto, em um conferência intitulada “Línguas que não sabemos que sabíamos” (2008), reflete sobre esses desencontros culturais intermediados pela língua:

Nem sempre as palavras servem de ponte de tradução desses mundos diversos. Por exemplo conceitos que nos parecem universais como Natureza, Cultura e Sociedade são de difícil correspondência. Muitas vezes não existem palavras nas línguas locais para exprimir esses conceitos. Outras vezes é o inverso: não existem na língua europeias expressões que traduzem valores e categorias das culturas moçambicanas. (COUTO, 2011, p.16)

O que provavelmente ajuda nessa tradução da vila é o uso da Língua Portuguesa como mediadora do entendimento. Além disso, por causa da colonização portuguesa até 1975, Moçambique é considerada durante bom tempo na narrativa como velha conhecida de Sidónio. Mas, assim como o título, a Vila Cacimba está debaixo do nevoeiro, e o português constantemente se confronta com a falta de comunicação. Vejamos algumas passagens em que há esses desentendimentos:

-Perguntava eu, Dona Munda, sobre o seu marido..
-Está muito mal. O sal já está todo espalhado no sangue.
-Não é sal, são diabetes.
-Ele recusa. Diz que se ele é diabético, eu sou diabólica. (COUTO, 2008, p.9)
(...)
Às vezes chama-lhe fulano, outras, reduz o nome do marido para Barto. Agora, rosto espalmado na madeira, a mão de Munda sacode o trinco. Por fim, o homem se faz escutar:
-Por quê?
Desde que ali chegou, Sidónio Rosa vem estranhando muita coisa. Por exemplo, agora: a pergunta devia ser “quem é” (COUTO, 2008, p.10-1)
(...)
-É verdade que o seu marido saiu sete vezes de casa?
-Eu não conto as saídas. Conto só as vezes que ele voltou...
-Está certo.
-E lhe digo, Doutor: não fique a perder. Porque ele voltou mais vezes do que saiu.
-Bom, há maneiras curiosas de fazer contas...
-Para mim, o meu marido me chegou sempre multiplicado.
(...)
-Desculpe a curiosidade, são motivos profissionais, mas nessas sete saídas não houve registro de doenças que ele tivesse apanhado?
-Ele partia já doente, o partir era mesmo a doença dele.
(...)
-Desculpe, Dona Munda, não me intrometo nessas coisas. Mas eu sou médico, preciso saber de doenças passadas. Incluindo, devo dizer, as doenças venéreas.
-Meu marido sempre me foi fiel. Ele dormiu com outras mas nunca me traiu.
-Desculpe, não entendo.
-Quando ele foi infiel, eu fui infiel junto com ele.
-Continuo sem entender. (COUTO, 2008, p.32-3)

Tirando seus influxos de um saber fundado na oralidade e no mito, a conversa de

Dona Munda subverte a ordem de causa e consequência e a temporalidade em que está baseado o discurso médico do português Sidónio. Há claramente aqui um embate entre o mítico, criador e o pragmático, científico, reducionista, mediado pela língua. A Língua Portuguesa comporta a junção desses mundos, e o faz de uma forma que Sidónio não entenda. Dessa forma, falar português ali não é garantia de comunicação. É preciso estar desarmado para as potencialidades da línguas e sua capacidade de criação.

É o próprio Mia Couto que nos explica a dimensão “reduzora” a que a língua pode ficar circunscrita. É essa dimensão que aparece no discurso de Sidónio:

Vivemos dominados por uma percepção reduzora e utilitária que converte os idiomas num assunto técnico de competência dos linguistas. Contudo, as línguas que sabemos – e mesmo as que não sabemos que sabíamos – são múltiplas e nem sempre capturáveis pela lógica racionalista que domina o nosso consciente. Existe algo que escapa à norma e aos códigos. Essa dimensão esquiva é aquela que a mim, enquanto escritor, mais me fascina. (COUTO, 2011, p.14)

Esse tratamento peculiar à língua, e mais especificamente, à Língua Portuguesa é um projeto que se estende ao longo da obra de Mia Couto. Relaciona-se intrinsecamente a uma consciência da condição pós-colonial de Moçambique, que adotou como língua oficial o Português, após sua independência. Embora, portanto, tenha assumido a língua do ex-colonizador, Mia Couto a subverte, como uma maneira de se afirmar nesse espaço limítrofe entre não ser português e ser moçambicano. O escritor reflete sobre esse processo não apenas na sua obra, mas em relação à apropriação do português pelos moçambicanos em geral: “(...) a grande maioria entende e fala português inculcando na norma portuguesa as marcas das culturas e raiz moçambicana”. (COUTO, 2011, p.15)

A língua recriada, ainda, com toda a riqueza de seus enumeráveis dispositivos gramaticais aponta para essa apropriação do código linguístico:

Parecia uma coisa passageira. Que o amor acontece para a gente desacontecer. (COUTO, 2008, p.38)

-Isto, meu caro Sidónio, não é amar: é amardiçoar. (COUTO, 2008, p. 97)

Essa recriação, entretanto, pode tanto ter um fim mais nobre, que seria apontar para a oralidade como um sistema que também gera conhecimento ou um fim mais trágico, quando veríamos a língua incerta porque ninguém sabe o que é “certo”.

Assim, a recriação do espaço espoliado pelos mais diversos dispositivos, dentre eles a colonização, discurso revisitado pela narrativa de *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, acontece ao mesmo tempo em que há uma recriação da língua, e espaço e linguagem constroem-se conjuntamente e incertamente, como se um fosse fundado no outro. Há também aqui uma descolonização da língua.

Envenenada, a língua é um difícil remédio que não cura nem os possíveis pais de Deolinda, nem o médico Sidónio, nem ninguém na Vila Cacimba. Mas, da maneira como é utilizada ao longo do texto, ela remedia. O remédio vem desse aspecto de identificação e, ao mesmo tempo, estranhamento. Rico, múltiplo, vivaz, é assim cada diálogo do romance.

Cada lance de frases é pelo menos dois, ao longo do texto.

As narrativas entrecruzadas de desencontros e desentendimentos vão construindo Vila Cacimba a partir da palavra, mais precisamente, do português, e, aos olhos de um europeu, tudo parece não ter significação alguma, todos parecem enlouquecidos:

-Essa doença misteriosa que se espalhou por aqui: o senhor já tomou providências?

-Eu acho que se trata de meningite.

-É uma doença, digamos, encomendável?

-Não entendo.

-Pergunto se alguém...digamos, um inimigo político, poderia ter encomendado.

-É uma doença que ocorre sobretudo nas pessoas que se concentram em recintos fechados. É por isso que os soldados são mais atingidos....

-As pessoas pensam que é mau-olhado.

-As pessoas não pensam.

Suacelência adivinha a retórica do europeu. Ergue o braço autoritário, mas abre mão à paciência para que o estrangeiro entenda.

-Pode ser doença. Mas doença que provoca convulsões, aqui, em Cacimba, passa a ser outra coisa. (COUTO, 2008, p.68-9)

Episódios como esse explicitam que “os pensamentos da ruralidade africana não são facilmente redutíveis às lógicas dominantes da Europa.” (COUTO, 2011, p.20). A esse respeito, Mia Couto, em uma conferência a que já aludimos, relata episódios em ele mesmo presenciou paradoxos e desencontros de comunicação:

Em 1989, fazia pesquisa na Ilha da Inhaca quando desembarcou nessa ilha uma equipe de técnicos das Nações Unidas. Vinham fazer aquilo que se costuma chamar de “educação ambiental”. (...)

Na primeira reunião com a população surgiram curiosos mal-entendidos que revelam a dificuldade de tradução não de palavras mas de pensamento. No pódio estavam os cientistas que falavam inglês, eu, que traduzia para o português, e um pescador que traduzia do português para a língua local, o chidindinhe. (...) “Somos cientistas”, disseram eles. Contudo, a palavra “cientista” não existe na língua local. O termo escolhido pelo tradutor foi *inguetha*, que quer dizer feiticeiro. (...) O sueco que dirigia aquela delegação (...) anunciou o seguinte: “Vimos aqui para trabalhar na área do Meio Ambiente”. (...)

Ora, a ideia de Meio Ambiente, naquela cultura, não existe de forma autônoma e não há palavra para designar exatamente esse conceito. O tradutor hesitou e acabou escolhendo a palavra *Ntumbuluku* que quer dizer várias coisas mas, sobretudo, refere uma espécie de Big Bang (...) (COUTO, 2011, p.16-7)

Com a máxima de que todo relato é pelo menos dois, no romance, mergulhamos na cacimba, e o que vemos são narrativas se distorcendo em versões diferentes, formando uma difícil imagem para Sidónio. Dessa forma, o remédio das narrativas iniciais do livro vão perdendo sua eficácia e os personagens vão se envenenando com suas histórias. Aos poucos, entendemos que Sidónio não é médico. O português visita os Sozinhos por

interesse em Deolinda. Já Deolinda não manda carta alguma para ninguém, porque, ao que parece, está morta. Ela também não é filha dos Sozinhos, antes é cunhada de Bartolomeu. Bartolomeu era interessado no passado colonial (já que era mecânico do navio Infante D. Henrique), porque, por causa das viagens de navio, visitava constantemente em Portugal sua filha Isadora.

Já Munda não se aproxima de Sidónio apenas como possível mãe de Deolinda, mas com interesse amoroso. Embora durma ao pé da porta de Bartolomeu, Munda o traía com Suacelência. O administrador de Vila Cacimba, ao que parece, teria um caso com Deolinda e com Munda.

Todos os personagens e histórias são, por assim dizer, envenenados, porque nenhum é só aquilo que aparenta ser. Tudo é tão complexo que reducionismos aqui são sempre um engano. Nem mesmo Alfredo Suacelência, caricatura do administrador obtuso e mesquinho, é só aquilo que vemos inicialmente (nesse sentido, é rica a estratégia de se recorrer a um esteriótipo para desconstruí-la). Em alguns momentos, beira o cômico pelo desconhecimento de uma retórica progressista da qual se serve sem nem ao mesmo saber o que significa:

-Quero um remédio, doutor.

-Um remédio? Pode ser mais específico?

Não era, como pensou o clínico, um afrodisíaco. Solicitava um produto para a eliminação radical da transpiração. Não um desodorizante; um anulador definitivo de suores. Ele queria-se desglandular.

-O suor é um efeito dos pobres. E nós, meu caro Doutor, estamos a combater a pobreza, não é verdade? (COUTO, 2008, p.44)

Os personagens do romance deliram na língua, porque a realidade é muito mais complexa do que se pode imaginar ou traduzir. Assim, o material linguístico acompanha essa incapacidade de nomear o certo, de achar uma única história, de traduzir mundos díspares no romance.

Conclusão

O romance de Mía Couto se estrutura, pois, a partir de uma releitura desafiadora da complexas trocas culturais entre duas nações, Portugal e Moçambique, mediadas pela uso do português. Por isso, é oportuna uma última palavra sobre esse livro. Sidónio é anagrama de Dioniso, deus do vinho, das festas, da insânia. Esse deus incita a loucura e a desordem nos lugares por que passa. (BULFINGH, 2006, p.162) Em *Os Lusíadas*, de Camões, Baco é o principal antagonista dos portugueses. No romance de Mía Couto, Sidónio é enleado pela Cacimba. O remédio de outrora para a manutenção do culto de sua memória (os enganos, os delírios, a loucura) transformou-se em seu próprio veneno. Em *Venenos de Deus, Remédios do Diabo*, qualquer percepção cristalizada é questionada por um cenário que constantemente gera enganos.

O trabalho de linguagem no romance é orientado por um objetivo: a língua como instância capaz de suportar essa desconstrução e construção de memória, por isso a rasura permanente do código linguístico, como podemos observar no próprio título da narrativa. A língua como performance de uma identidade complexa parece ser o projeto a que se dedica Mía Couto nesse romance.

Referências Bibliográficas

- 1] APPIAH, Kwame. *A casa de meu pai; África na filosofia da cultura*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Contraopondo, 1997.
- 2] BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.
- 3] BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*. Trad. David Jardim. 34 ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.
- 4] CAMÕES, Luiz Vaz de. Os Lusíadas. In: _____. *Luís de Camões; Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2003.
- 5] COUTO, Mia. *Venenos de Deus, remédios do Diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- 6] _____. *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- 7] LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas pós-coloniais; estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2012.

